



Universidade de Brasília

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FE

REGINA CELIA MELO

UM EMBORNAL CHEIO DE PALAVRAS

Dos quintais da infância às salas de aula

BRASÍLIA - DF

2019

REGINA CELIA MELO

UM EMBORNAL CHEIO DE PALAVRAS

Dos quintais da infância às salas de aula

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como pré-requisito parcial para conclusão da Licenciatura em Pedagogia sob a orientação do Professor Ms. Antônio Fávero Sobrinho"

BRASÍLIA - DF

2019

REGINA CELIA MELO

UM EMBORNAL CHEIO DE PALAVRAS
Dos quintais da infância às salas de aula

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia da Universidade de Brasília e aprovada pela banca examinadora:

Ms. Antônio Fávero Sobrinho - Orientador
Faculdade de Educação - UnB

Dra. Paula Gomes de Oliveira – Examinadora
Faculdade de Educação – UnB

Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias – Examinadora
Faculdade de Educação

Brasília, 04 de julho de 2019

Aos educadores que conspiram inquietações e esperanças.

“Nada é rívido, para quem alternadamente pensa e sonha”.

Gaston Bachelard

RESUMO

A presente monografia, em formato “Memorial de Formação”, aborda recortes da minha vida acadêmica e profissional. Da criança alfabetizada no lar, à normalista que ganhou as salas de aula até a volta à Universidade após 30 anos de exercício do magistério em escolas pública do DF. O percurso trilhado enfatiza a presença marcante da contação de história no aconchego da família, ao livro, à literatura, à poesia que permearam sobremaneira, a minha prática educativa. As leituras de Monteiro Lobato a Paulo Freire contribuíram na conformação da minha identidade pessoal e profissional tornando-me uma professora encantada pelo universo da leitura prazerosa como propulsora na formação de leitores-autores. Convicta do poder da literatura em sala de aula e tomada pela ousadia me descobri escritora de livros infantis permeados da beleza do cotidiano escolar ratificando minha crença de que o princípio da autoria nasce na leitura.

Palavras-chave: Memórias. Literatura. Experiência vivida

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
DO COLO PARA OS QUINTAIS.....	9
A HORA DO GRUPO ESCOLAR	13
MEU CADERNO DE SONHAR... ..	15
AH!!!... A BIBLIOTECA! OU SERIA O PARAÍSO?.....	16
A ESCOLA NORMAL: NOS ESCOLHEMOS!.....	20
A NORMALISTA EM BROTO... ..	20
O REINADO DO LIVRO	24
A SABEDORIA DO OUTONO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33
BIBLIOGRAFIA	34

APRESENTAÇÃO

Um embornal cheio de palavras...

E foi a “liberdade” que aquele jovem professor de olhos brilhantes, recém chegado de Salvador-BA, trouxe para a sala de aula a inspiração para ousar.

Ele trazia na sua algibeira outros desejos, desejos de outras histórias... Outros formatos, outras vozes, caminhos...

Diante de um texto de final de semestre¹ aqueles medos e pudores, aquela conformação com o estabelecido, a caixinha, foram desafiados... Ele incitou-me a sacar meus guardados, livremente... e o verbo não se fez carne, fez voos! “Regina, como professor fico sempre em busca de textos que saiam do lugar-comum, que apresentam algo, pela poética ou pela provocação, que me faça pensar e me identificar com quem escreveu. É raro, quase sempre fico na leitura pouco prazerosa, quase mecânica dos trabalhos acadêmicos. Muito obrigado pelo texto. Quando tiver tempo, se não já tiver lido, procure o livro *A Língua Absolvida de Elias Canetti*. Abraço, Rodrigo Matos”.

A generosidade de suas palavras espantou os temores acadêmicos. O formalismo sucumbiu frente à possibilidade de usufruir da liberdade de contar, refletir, produzir.

E chegada a hora do “bicho-papão-TCC”!

“Fiat Lux”!

Um embornal cheio de palavras brotou...

Nesse embornal tecido com ternura e coragem as alegrias, sonhos, conquistas, desafios, experiências lapidadas pela memória transbordam no desejo visceral de revelarem-se na escrita. Sem temer a condição de autoria me jogo na ânsia primeira de me ver, de vasculhar amorosamente um percurso dos quintais da infância a uma nova graduação, no raiar do outono. Sobretudo, desejo compartilhar o vivido, experiências eternizadas pela memória. Para Pérez (2002, apud MENDES, 2011, p.3959).

O ato de narrar sua própria história, mais do que contar uma história sobre *si*, é um ato de conhecimento. Através da narrativa, o sujeito constrói uma cadeia de significantes que

¹ Disciplina EJA, Curso de Pedagogia / UnB, 2017.

estrutura formas cognitivas de representar o mundo e compartilhar a realidade social, ao mesmo tempo em que engendra sonhos e desejos, mitos e utopias.

Socorrem-me sem demora os memoriais de formação, ratificando o meu genuíno desejo de viver a liberdade de escrita, reflexão e conhecimento, aliado ao sonho de que com este gênero textual floresça o protagonismo dos educadores na construção de novos tempos para a educação. Prado e Soligo confirmam (2007, p. 7) o memorial “é o registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimentos dos quais somos protagonistas”.

Cato meu embornal onde remexem memórias, cheiros, cores, sabores e palavras que pululam! Ah, as palavras! Palavras prenes de emoções, sonhos, histórias, significados... Busco nos dicionários o que trago pleno de sentido para mim: um embornal feito com retalhos e doçura da mãe costureira. O embornal que convidava ir à venda buscar o pão quentinho todas as manhãs se aproxima dos muitos sinônimos, mas jamais comporta o significado do “meu embornal de palavras”!

Dos dicionaristas recolho: Embornal (em+bornal) ou bornal: sacola confeccionada em tecido grosso (mescla, brim, lona) com alças laterais do mesmo tecido usada a tiracolo ou carregada pelas mãos, sacola ou bolsa dentro da qual se transporta um vasilha com comida, usada para quem precisa levar sua refeição para o trabalho. Borná: saco de pano ou couro onde se levam provisões, ferramentas, pequenos objetos; saco de pano que se prende ao focinho das cavalgaduras para nele comerem ração... Enfim, como diria os mineiros um trem, uma sacola, um saco onde pode se carregar de tudo, tudo quanto há principalmente, comida. O uso do embornal para carregar compras feitas na venda considerada como coisa de pobre cabe bem em nossos tempos de pegada ecológica.

DO COLO PARA OS QUINTAIS

Em Agosto... a gosto de um galinho madrugador, eu cheguei! Pontualmente às cinco horas. Era o cocoricó daquele galinho pedrês que reinava folgadoamente no quintal da minha casa que fazia às vezes de despertador. Naquele dia ele cocoricou solenemente o madrigal de todas as manhãs! Fechei o círculo de fertilidade da família. Décima primeira. Quase uma dúzia dizia meu pai piscando um olho para minha mãe, insinuando arredondar a conta. A “filharada” para os vizinhos mineiros

era coisa de nordestinos! Verdade mesmo, é que nossa casa era a mais populosa, mais barulhenta, e a mais calorosa da rua.

E a caçula, rapa de tacho recebeu o nome de Regina. Uma homenagem a doutora que fez o parto. Meu nascimento num hospital quebrou a tradição de chamar uma parteira. O nome veio a calhar com meu reinado absoluto de caçuleta. Todo calor, todo olhar, todo colo só pra mim!

Eu e Celina, a irmã dois anos mais velha que eu, nos tornamos “as mineirinhas” da família cearense. O sangue forte, segundo minha mãe, não deixava negar a origem. A cara chata ou cara de lua nos entregava para os mineiros de rosto fino.

Na pequena cidade mineira não havia escola para crianças pequenas e já era tradição na família aprender “as primeiras letras” em casa. Minha mãe era a professora. Ela foi uma daquelas professoras “leigas” que fazem parte da história da educação no Brasil. No interior do Ceará, ela alfabetizou gente grande e gente pequena dentro de casa, numa sala improvisada e às voltas com filhos pequenos e afazeres domésticos. O estudo que tinha era apenas o equivalente ao ensino fundamental I. Ela dizia que ensinava tudo o que sabia! Era assim que ajudava no sustento da família numerosa naqueles tempos tão duros!

E seu colo tornou-se meu primeiro banco escolar!

E meu jardim de infância foi um quintal sem cercas... Um mundaréu a ser descoberto! Abacateiros, mangueiras, tamarindos, jatobás, jabuticabeiras... Goiabeiras ofertando galhos e troncos para balançar e escalar até a doçura do fruto! Sombra gratuita! Deitei e rolei no capim, nas folhas secas, na terra vermelha do sertão mineiro... Uma aquarela de cores! Colhi florzinhas de várias cores, formas e cheiros adocicados. Fiz casas, fazendas, bozinhos e bichinhos com gravetos, sementes, latas e caixas. Fiz muito bolo de lama! Mexi em casa de marimbondó. Desafiei abelhas, e de troco ganhei ferroada. Pra descobrir o segredo das formigas, pacientemente, entrei em muita fila delas... O que elas conversavam quando se encontravam? Inventei e desvendei imagens na dança das nuvens brancas bordadas no céu. Curti o sol e a chuva sem pudor! Sonhos e imaginação livres... Eu era feliz ali.

Muitas brincadeiras e brinquedos... Brinquei de pique - esconde até com minha sombra inquieta. Pinte pedaços de céu com minha pipa colorida. Às escondidas de minha mãe naveguei em muito barquinho de papel nas enxurradas

barrentas... Amarelinha, corda, peteca, pião, bola de gude, casinha, boneca, bambolê, bilboquê... Boca de forno? Forno! Cabra-cega, chicotinho queimado, passar anel, estátua... Fui no Itororó beber água... E a roda girava ao som de nossas vozes e risos. Alegrias desmedidas partilhadas com a irmã, amigos, vizinhos, primos e amigos imaginários... A felicidade reinava sem rédeas!

A brincadeira de escolinha ensinou-me juntar sementes, catar pedrinhas... Contar! Rabiscar o chão, a terra, paredes. O carvão, meu primeiro lápis. Eu desenhava no ar os sonhos mais lindos... Coloria tudo! Todos os dias meu quintal era o parquinho do Jardim de Infância onde castelos, reinados e pontes eram construídos, reconstruídos... As histórias entravam e não saíam por uma porta...Fluíam!

Naquele meu primeiro Jardim de Infância eu nem sonhava com o pioneirismo de Fröebel e seu Kindergarten, que imperava ali plenamente com seu desejo de que as crianças menores de seis anos, como sementes adubadas e expostas a condições favoráveis em seu meio ambiente desabrochassem como flores! Livres para aprender sobre si mesmas e sobre o mundo. Ali no “meu jardim” eu tinha desenvolvido aquelas competências, habilidades cognitivas e motoras que os compêndios sinalizavam imprescindíveis ao processo de ensino aprendizagem. Estava pronta.

O desejo de ir para a escola era cutucado de vez em quando... A pasta com os cadernos, livros e um estojo de lápis do irmão que já estava no terceiro ano, piscava para mim sedutoramente. Era uma tentação! Um deslumbramento ver meu irmão lendo e escrevendo. Aquela “inveja” me trouxe caderno, lápis de cor e até borracha para eu “estudar” junto com os irmãos maiores na hora do “dever de casa”. Era uma festa aprender!

Dos tímidos rabiscos, arremedos de letras e palavras iam surgindo... Desenhos! O bule, o prato, a chaleira, o copo, a tigela, a mesa, o fogão, o livro... todos os utensílios da cozinha, da casa iam se apossando dos seus nomes. Tudo fazia sentido! A mãe professora, vinda das bandas do Ceará, que duvido algum dia tenha ouvido falar de Paulo Freire, fazia a lição com amor... “Eu nunca poderia pensar em educação sem amor. É por isso que me considero um educador, acima de tudo porque eu sinto amor” (FREIRE, 1997). A mão de mãe me acariciava e me guiava com suavidade pelo traçado das letras e números. Palavras criavam asas... Eu sabia que minha mãe tinha mãos de fada, só não sabia onde ela conseguia

guardar as mãos ásperas da lida da casa, quando ela se tornava minha professora! Tenho certeza que ali começava a relação educador e educando permeada, sobretudo pelo amor. Com uma alegria inteira, ela mostrava sua incansável natureza de amar o saber, de acreditar incondicionalmente no poder transformador da educação. Eu chego a desconfiar que de alguma forma, minha mãe, assim como tantas outras por aí, conheciam sim um pouquinho do pensamento do educador Paulo Freire. Ou seria o contrário?

A entrada triunfal no mundo das histórias e dos livros chegava na hora de dormir, e trazia uma contadora de histórias mil vezes melhor que Sherazade! Repito sem pudor, mil vezes melhor! Era mágico! Minha mãe e suas histórias de Trancoso, histórias da Carochinha, os contos de fadas e muita invenção pra compensar a falta de livros. Mas, os livros estavam ali. Um livro solene, capa dura com letras douradas que tinha uma história para cada dia, ou uma brochura simples com ilustrações em preto e branco, livros de coleções... a maioria tomados emprestados da biblioteca da escola em que meus irmãos estudavam. Eram eles que faziam os empréstimos sob alguma indicação da nossa mãe. O livro reinava. Um ritual de amor inesquecível! O cheiro do livro, as imagens, as letras, as palavras e a voz da minha mãe... Ah! E era uma vez... Era uma vez!

Para Brenman (2012, p.21)

A noite sempre fez parte do mundo do conto oral: é nela que se estabelece o vínculo com o sonho. Contar histórias à noite é uma prática tão disseminada que prevalece até os dias de hoje, nos quais pais, intuitivamente, encantam seus filhos na hora de dormir com belas e assombrosas narrativas.

Minha mãe lia em voz alta, mostrando as imagens do livro, outras vezes contava histórias que dizia saber de cor e salteado... a suavidade da voz sob medida, nos amarrava com laços felizes, delicados, gostosos... e eu sonhava, sonhava. O dia era encerrado com uma chave de ouro para eu abrir potes, baús, tesouros por aí...

HISTÓRIAS

Todas as noites, minha mãe
 Embriagava-me com histórias,
 Poesia e calor.
 E eu dormia e sonhava...

Todas as manhãs,
 Eu acordava os sonhos
 Pra fazê-los brincadeiras (histórias)
 Nos quintais da minha vida!
 (in Poemas e Cores - LGE-FAC, 2003)

Foi sob a sombra gratuita de um confidente abacateiro que eu comecei a mirabolar minhas histórias, sonhar... Eu escrevia, lia, inventava...

Ainda sobre esse contar histórias, Brenman (2016, p.21) nos diz

que esse contar tem a função de permitir que o ouvinte possa começar a sonhar acordado e, aos poucos, principalmente as crianças, ir adentrando, sem solavancos, no mundo inconsciente dos sonhos.

Nascia uma menina inventadeira, sonhadora, cheia de “diz que diz”, como dizia meu pai, e que respondia prontamente: “quando eu crescer vou ser professora”! Quando minha mãe ouvia essa declaração, seus olhos brilhavam de um amor diferente.

A HORA DO GRUPO ESCOLAR

Aos sete anos fui para o renomado Grupo Escolar João de Freitas Neto. Como eu já sabia ler e escrever fiz um teste para entrar numa turma. Entrei num primeiro ano adiantado. A turma “A” da dona Terezinha. A inesquecível professora! Um olhar dela valia por mil palavras! Ela gostava de ler histórias para nós. Sempre dizia antes de ler o título que aquela história era de emocionar! Eu acho que era ela que era toda emoção! Fiquei na sua turma até o terceiro ano primário e devo a ela minha entrada de corpo e alma no Sítio do Pica pau Amarelo. Humm... Como foi bom morar naquele sítio!

Um mundo novo me abraçava! Permaneci naquele Grupo Escolar até concluir o ensino primário. Foram dias felizes, intensos. Muitas descobertas, florescentes amizades, brincadeiras, aprendizagens, trocas... Eram tantas novidades que a enfadonha lista de regras, normas e tanto “presta atenção”, silêncio e fila pra tudo, ficavam até suportáveis, - ou será que já estávamos totalmente subjugados? Ou como diria Foucault, com os corpos dóceis, conformados? Da sala da diretora ela via tudo que acontecia na escola. E qualquer passo fora da linha estava prescrito, – vai para a sala da diretora! Que castigo! Eu sabia de muita gente que tinha mais medo que respeito por ela! Eu cheguei a pensar que ela também era um pouco bruxa! Na verdade eu pensava que ela era uma “espiã” ou seria o panopticon? Foucault me confirmou mais tarde. Ela devia mesmo ser uma autoridade, pois toda vez que ela entrava em nossa sala, devíamos nos levantar e cumprimentá-la em uníssono. Ai de quem não se levantasse! Os constrangedores pitos em público faziam a gente querer um burquinho pra sumir!

A escola era bonita e bem cuidada. Um pátio grande cercado por salas, onde acontecia o recreio e a pontual hora cívica antes das aulas. Com direito a hasteamento da bandeira, hino e a repetitiva cantilena sobre uniforme, comportamento, e todas aquelas normas a serem cumpridas rigorosamente. Ficávamos enfileirados como “os soldadinhos de chumbo”... ou, que vontade de brincar de estátua! Não era brincadeira. E pare de sonhar, menina! Não era um Colégio Militar, mas, “a sociedade era” disse meu professor Rodrigo Matos. Era mesmo um tempo cheio de “psius”. Em todas as salas, bem acima do quadro negro a palavra “Silêncio” era lida até por quem não soubesse ler. Olhares e gestos diziam mais que palavras.

Foi nesse tempo que vi meu pai mais silencioso. Um dia ele chegou em casa com um documento que o colocava “em disponibilidade” por um tal Ato Institucional. Ele simplesmente parou de ir trabalhar. Era excedente. Ele amava trabalhar na SUVALE, atual CODEVASF. Ele exercia o cargo de Auxiliar de Atividades Agropecuárias, e era ali que ele matava as saudades do homem da roça que sempre foi... o homem que entendia de plantas e criação. Entendia, sobretudo, de passarinhos! Ai, de nós aparecermos em casa com um estilingue ou gaiola!

A tristeza e a dureza daqueles dias em que o salário dele foi encurtado foram substituídas aos poucos por um exímio carpinteiro, que também gostava de ler uns livrinhos de bolso, cheio de letras, sem desenho algum e que me deixava fascinada.

Às vezes líamos juntos. Eram histórias de faroeste! Ele também lia em voz alta os cordéis que tanto amava, e até ousava “jogar” uns versos de repente... Não poderia negar suas raízes.

Ele também não freqüentou uma escola, tudo que aprendeu correspondente ao ginásial, foi em casa, com professor contratado. Entrei no universo da poesia pela declamação de poemas que ele fazia com a voz cheia de coração! Bastava a gente pedir e o desfile começava... Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias... Ah! Como era bom ver o meu pai como um menino recitando poemas... “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...” de Gonçalves Dias ou “(...) livre filho das montanhas, eu ia bem satisfeito, (...) atrás das asas ligeiras das borboletas azuis”. Era Casimiro de Abreu que chegava...

A leitura em voz alta, segundo Brenman (2012), era uma prática comum, mesmo em famílias alfabetizadas, até o final do século XVIII. As pessoas se reuniam em volta do leitor e do livro para ouvir, memorizar, recitar, emocionar. Podia ser o homem simples, analfabeto, “lendo” e recitando suas obras ou aquelas memorizadas de outros autores. A literatura de cordel traz essa marca da leitura em voz alta em praça pública. Esse leitor também estava em minha casa e todo o encantamento tomava conta de meu ser.

MEU CADERNO DE SONHAR...

Foi a partir do terceiro ano primário que eu conheci o meu caderno preferido: O caderno de composição! Naquele caderno deveríamos escrever semanalmente uma composição... Uma história! Era minha chance de inventar, escrever minhas próprias histórias. Meus sonhos escorriam pelo papel... A imprescindível composição das férias. Ah, eu viajava livre, mundo afora... De Bagdá a Quixadá! A professora lia em voz alta as melhores composições. Eu ficava tão faceira quando a minha composição era lida por ela, que mal eu entrava em casa já estava espalhando a alegria, ávida para ler em voz alta a minha composição. Minha mãe e meu pai se alegravam comigo.

A leitura em voz alta também passou a fazer parte de minha vida. Acho que minha mãe-professora estava sempre atuando. Testava minha leitura oral? Não importa, eu gostava e ela ficava tão envaidecida com meu desempenho! Eu lia tudo. De receita de biscoito a livro de reza. Nesse sentido vale citar Brenman (2012) que

denomina esse leitor como “leitor social”, e exemplifica com o grande autor José de Alencar que assumiu esse papel na família: “Era eu quem lia para minha boa mãe, não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo” (1955, BRENMAN, 2012, p.50).

Entre leitor e ouvinte as emoções fervilham. Um embarga a voz, o outro mareja os olhos. Essa leitura compartilhada se expande para além do círculo familiar, convida a participação de outros leitores, e está viva nas tertúlias, saraus literários, rodas de contação de histórias que giram mundo afora. O que dizer então, do impacto dessa leitura social para o leitor? Na sua biografia, José de Alencar (1955, BRENMAN, 2012, p.50) afirmou: “Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária, que é entre todas as de minha predileção.” Nessa época eu ainda não tinha lido nada de José de Alencar, mas me lembro de que quando li seu livro *Iracema*, ali pela sexta série, torci bastante por aquele amor proibido.

Concluí o curso primário com louvor e ganhei como prêmio uma caneta tinteiro. Um luxo! Era hora de mudar de escola. O exame de admissão ao ginásio causava pânico entre alunos e pais. A Escola Normal Oficial Professor Plínio Ribeiro, era a meta, o sonho. A concorrência era forte, amedrontava. Ela era cobiçada por ser a melhor da região, diziam que ali estava o melhor ensino, melhores instalações e, sobretudo, os melhores professores. A aprovação no exame não foi novidade, pois eu estava tão pronta que não precisei de um curso preparatório para a prova. Também, não havia dinheiro para esse gasto. Essa escola atendia da 5ª série ao 2º grau. Ali eu iria cursar o ginásio e o segundo grau, com a condição de não reprovar, pois a reprovação em qualquer ano levaria a perda da vaga.

AH!!!... A BIBLIOTECA! OU SERIA O PARAÍSO?

A escola era grande, diferente, muitos alunos! Meu grupo escolar ficou pequenino, distante... Saudades fizeram ninho no meu coração. As mudanças estavam ali convidando para o novo. Tudo Novo! Para cada disciplina, um professor. Muitos cadernos, leituras, tarefas e trabalhos para casa. Muitas novidades, encantos e sonhos. Outros sonhos! Laboratórios, quadras, um auditório enorme, cantina e uma sedutora biblioteca esbanjando convites irresistíveis! Como não matar uma aula de vez em quando e ficar ali naquele silêncio mágico? Confesso meu pecadinho

pelo qual quase perdi um ano por conta da infrequência a umas aulas, escolhidas a dedo para "matar" e (que não ousou confessar). Ganhei uns pitos da minha mãe que foi chamada à escola. Ela não apoiou meu comportamento, mas acredito piamente que ela me entendeu depois que entrou comigo na "minha" biblioteca da escola! Eu sabia o que estava escondido no deslumbramento da minha mãe diante da biblioteca.

Quando ela lia alguma história do Monteiro Lobato, ela sempre lembrava o tanto que ele tinha sido um sortudo por ter a sua disposição a famosa biblioteca do avô, o Visconde de Tremembé. Eu via o olhar comprido de minha mãe diante das casas de janelas abertas que exibiam estantes cheias de livros. A nossa não era grande como ela sonhava, mas havia a coleção completa "Thesouro da Juventude"! Meu pai comprou em muitas e suadas prestações... Era o máximo ter um tesouro daqueles na estante. Eram dezoito volumes distribuídos por temas diversos: "O livro da Terra", "O livro da Natureza," "O livro dos Contos..." Meu pai repetia sempre o que havia lido numa introdução escrita por Bevilacqua que dizia "um livro acerca de tudo para todos e especialmente para os jovens", e minha mãe completava a frase de Bevilacqua "para meninos, adolescentes e homens do povo que tem sede de saber". De sede de saber, minha mãe era especialista. E ela queria mais. Ela queria paredes inteiras de estantes. Não sabia que perdíamos somente por seis volumes daquela famosa "Biblioteca Verde" do menino do poema de Drummond.

BIBLIOTECA VERDE

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.

São só 24 volumes encadernados

Meu filho, é livro demais para uma criança.

Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.

Papai, me compra agora. É em percalina verde, só 24 volumes.

Compra, compra, compra.

Fica quieto, menino, eu vou comprar.

Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.

Me mande urgente sua Biblioteca
bem acondicionada, não quero defeito.

Se vier com arranhão recuso, já sabe:

quero devolução de meu dinheiro.
 Está bem, Coronel, ordens são ordens
 Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro,
 fino caixote de alumínio e pinho.
 Termina o ramal, o burro de carga
 vai levando tamanho universo.
 De pinheiros toda verde.
 Sou o mais rico menino destas redondezas.
 (Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)
 Ninguém mais aqui possui a coleção
 das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.
 Antes de ler, que bom passar a mão
 no som da percalina, esse cristal
 de fluida transparência: verde, verde.
 Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras. Todas.

(...)

Tudo que sei é ela que me ensina.
 O que saberei, o que não saberei nunca,
 Está na Biblioteca em verde murmúrio
 De flauta-percalina eternamente.

(Carlos Drummond de Andrade – Literatura Comentada, 1980, p.67)

E eu como o menino do poema, me sentia a mais rica da escola! Ter a coleção “Thesouros da juventude” na estante me rendeu ganhos, alegrias, uma riqueza incalculável! Na época do grupo escolar eu era disputada pelos colegas na formação dos grupos. Era um luxo pra mim e, para meus pais, quando nos reuníamos em minha casa para fazer aqueles trabalhos e pesquisas em grupo. Era “O livro dos porquês” que respondia as previsíveis indagações da professora. E a festa que coroava aquelas tardes regadas a suco de groselha e bolo, era tudo por causa da minha biblioteca de dezoito volumes!

Tornei-me sócia efetiva da Biblioteca Professor Pedro Santana, e doravante podia pegar até três livros por semana. Meus problemas acabaram. A professora-

bibliotecária era amigável e sempre piscava um olho afirmativo quando registrava os livros que eu escolhia. Era uma biblioteca grande, certamente a maior e mais completa da cidade. Um acervo bem diversificado. Muitas enciclopédias enormes desfilando letras douradas, enfileiradas; Thesouro da Juventude, Barsa, Mirador, Curiosidades, Reino Infantil, Coleção das Obras Célebres (aquela em percalina verde do poema de Drummond) e coleções completas de clássicos da literatura universal, da literatura brasileira... Era mesmo uma riqueza! Eu ficava ali horas e horas... Reinava um silêncio elegante, quebrado apenas por incontidos suspiros e o farfalhar de páginas... Muitos estudantes de outras escolas também a freqüentavam. Estava sempre aberta e cheia de buscas, encontros, descobertas... Havia certo glamour marcar um encontro lá.

E Fanny Abramovich que tanto sabe do valor da ida à biblioteca nos pergunta: “A ida à biblioteca esta incluída nas opções de programação escolar e extracurricular da criança? E nas de lazer?? Tão pouco e tão raramente...” (1989, p. 162). E ela mesma responde lindamente sobre a maravilha que é uma biblioteca... “E uma biblioteca é um centro de descobertas, de silêncio repousante, de provocação para olhar, mexer e encontrar algo de saboroso ou novidadeiro...” (1989, p. 162-163). Com a alegria de quem viveu a maravilha da ida gratuita à biblioteca, me solidarizo com a autora diante da triste realidade que temos hoje em nossas escolas. Não temos sequer uma sala de leitura! É a boa vontade de alguns professores que aqui e acolá fazem um “Cantinho de leitura” às vezes até dentro da própria sala de aula, ou em algum espaço da escola, que infelizmente, é prontamente desfeito quando se necessitam montar outra sala de aula. A autora Ana A. Arguelho de Souza ratifica essa triste realidade em seu livro que trata da literatura infantil na escola. Ela apresenta o descaso com a situação das bibliotecas.

Vários depoimentos de alunos estagiários dão a medida de como pode a biblioteca ser um lugar de desestímulo a leitura:

- . A biblioteca da escola só tem livros didáticos. As obras de literatura são poucas, não dá para todos os alunos.
- . Quando o MEC envia livros, isso quando envia para a escola, a diretora guarda na sala da diretoria e os alunos não podem ler, porque poderão estragar os livros.
- . A biblioteca é atravancada por computadores e outros objetos. Isso atrapalha a circulação dos alunos. Não há lugar para os alunos sentarem.
- . A biblioteca “virou” lugar de abrigar funcionários readaptados.
- . Quando a professora se depara com um aluno “problemático” em sala de aula, ela envia à biblioteca, onde ele fica de castigo. (SOUZA, 2010, p.86)

Esses depoimentos alimentam a certeza do quanto fui sortuda. Saudades boas da “minha biblioteca” tomam conta de mim...

A biblioteca era o lugar da escola onde sempre me encontrariam. Eu nunca estava perdida. Era ali o meu universo. Um paraíso? Eu não sabia que era assim que o grande escritor Jorge Luis Borges, imaginava uma biblioteca; ousou pensar que ele deve ter sentido alguma vez essa mesma sensação. Disse ele lindamente: “Sempre imaginei o paraíso como uma grande biblioteca.”

E agora, já não era mais um caderno de composição. Eram redações que a professora de Língua Portuguesa selecionava para publicar no jornalzinho escolar. Para garbo da minha mãe, muitas vezes, lá estava a minha redação. Eu também estufava o peito de alegria quando via minha redação no jornal.

A ESCOLA NORMAL: NOS ESCOLHEMOS!

Concluí o ginásio sem sobressaltos, com direito a formatura no auditório da escola. O segundo grau chegava trazendo mais mudanças e promessas. Era tempo de voos, escolhas! Eu podia escolher entre o curso científico e o curso normal. Voei sem dúvida alguma atrás dos sonhos pintados lá no meu quintal. A professora que brincava em mim escolheu o magistério. Nasceu uma aplicada normalista com um embornal cheio de sonhos e histórias! Éramos as professoras em formação. Só meninas! Tínhamos toda uma ala somente para nossas turmas. Foram três anos de encantamentos, amizades, compartilhamento de teoria e prática. Ao lado da Escola Normal, o território de passagem para o exercício do magistério era a Escola de Aplicação, onde fazíamos o estágio a partir do segundo ano. Um verdadeiro laboratório de troca de saberes, experiências, pesquisas, acompanhamento e conquistas. A alfabetizadora declarou amor à primeira vista. A concretização do sonho começava ali.

A NORMALISTA EM BROTO...

Com o diploma de professora na mão e o coração encharcado de esperanças a cidadezinha ficou pequena... Os sonhos eram grandes! Ouvei o chamado de Brasília. O convite-flor!

A FLOR

Quando Brasília quis brotar
 Um peixe vivo saltou do mar de serras
 E cantarolou: - Vai ser flor, minha filha!
 Lá no Cerrado “vai jorrar leite e mel”
 E tudo que ali plantar, dá!
 E de todos os cantos em que o brado ecoou
 Chegaram cores, falares, cheiros e jeitos...
 Muito suor!
 Ao pó, cimento e ferro se juntaram sonhos.
 Sonho multicolor.
 Nasceu a Flor!

Cheguei de mala e cuia. Tinha dezoito anos e um mundão de sonhos. Muita coragem e querer em profusão! Saudades respingavam, mas um novo amor se construía...

MINAS MINHA

Quando aqui cheguei
 Trouxe poeira,
 Trouxe suor,
 Trouxe poesia.
 No meu embornal
 Trouxe brejeirice
 Calor humano
 E um jeito matuto de andar.
 Veio comigo meu olhar desconfiado
 Meus medos tolos, minhas serras,
 Meu sol, minha lua...
 E o trem de ferro que aqui me deixou
 Foi levando Minas
 Foi deixando um tanto de saudades!
 (in Antologia de Poetas de Brasília, 1985, p.97)

Sem sobressaltos fui aprovada no concurso público para professores. Foi a estréia da minha carteira de trabalho. Como a garota do “primeiro sutiã”, pude usufruir da delícia de comprar com “meu primeiro salário” o livro que era minha mais original cobiça “Poesia Completa & Prosa – Volume Único, Carlos Drummond de Andrade, Editora Nova Aguilar, 1977”. Ganhei o direito de escolher a cidade onde trabalhar. Sobradinho me fisgou na hora! Trazia no nome os meus sobrados mineiros com que eu pensava acalmar teimosas saudades... Boba ilusão. Nos doze anos em que ali trabalhei, me apaixonei, desvendei seus recantos e a história do nome da cidade.

Ganhei as salas de aula e nunca mais saí delas! Desembolsei muito “bê a bá”, carinho, troca de saberes e fazeres... Levei para minhas salas de aulas muita alegria, brincadeiras e jogos. Aprender tinha que ser uma festa! Tinha que ser gostoso e, sobretudo recheado de afeto. Levei a Palavra como um dos nossos maiores tesouros. A palavra e seu poder mágico, transformador. Palavra que traz histórias, curiosidades, segredos, emoções... Palavras sem medo! As práticas pedagógicas sucumbiram ao poder da imaginação, os gêneros textuais transitaram democraticamente e a literatura se tornou parceira de invenções, criações, reinvenções, ousadas e, sobretudo buscas. Escrevemos e lemos sem amarras, sem medo de errar, sem hora marcada. Gibi, cordel, jornal e poesia. Convidei sem cerimônia os meus amores... Drummond, Cecília, Quintana, Bandeira, Elias José, Vinícius de Moraes, Henriqueta Lisboa, Roseana Murray, e deixei sempre abertas as portas para quem mais quisesse entrar.

Umás histórias saltaram da algibeira. Nasceu meu primeiro livro Uma Joaninha Diferente por Paulinas, 1989. A joaninha voa mundo afora provocando reflexões, sentimentos e agires inteiros, humanistas! Depois timidamente vieram outros: Poemas e Cores (LGE/FAC, 2003), O menino que descobriu Brasília (Paulinas, 2009), Uma traça sem graça (Paulinas, 2004) Sapato trocado, sorriso dobrado (Franco Editora, 2016), Galo rouco e agora? (Thesaurus, 2013), O sonho do menino (Franco Editora, 2017), O menino que descobriu o lago Paranoá (Marruá/FAC, 2019) - imagens das capas no Apêndice A – Livros que saltaram do meu embornal. E na minha gaveta esperneiam outras histórias... Livros infantis permeados de doçuras e belezas do rico cotidiano das minhas salas de aula.

Festejei conquistas. Entrei para a Universidade. O curso de Letras me seduziu e depois Artes Plásticas. Licenciaturas, especializações para compartilhar

conhecimentos e sonhos. Uma inquietação permanente. A educação, um vasto mundo. Muitos desafios, várias escolas e séries. Da educação especial, EJA, alfabetização, educação infantil, 3º, 4º anos, da 5ª a 8ª série até uma doce temporada numa sala de leitura.

Por um bom tempo namorei o Ensino Especial. Era uma atração irresistível. Eu sempre voava para ele. Fiz uma especialização e atuei por vários anos e tive a rica oportunidade de passar desde os Centros de Ensino Especial, a classe especial, sala de recursos à bem vinda inclusão. Aprendi o tamanho sem tamanho do respeito, da solidariedade, do amor.

MEUS ANJOS

No meu céu moram anjos,
Anjos brancos, pretos, amarelos, róseos
Anjos coxos, rotos...
Anjos que não tocam banjo.
Os anjos que povoam meu céu,
Têm asas curtas, quebradas,
Bochechas flácidas, sem carmim,
Tem pernas tortas, raquíticas.
Estes anjos pequeninos, barrigudos,
Mudos e murchos
Descorados e desdentados
Tem um olhar de amor e um sorriso de Deus
Meus anjos sabem andar e voar
Pela terra dos corações
São invasores sutis que se apossaram
Do meu coração!

(In Antologia de contos, crônicas e poemas, 1995, p. 19)

Foi na vivência como professora de classe especial em um turno e professora de ensino regular no outro que senti na pele a sensação de viver em mundos distintos... Eu ouvia perguntas constrangedoras (E eles aprendem? Aprendem o quê?). Olhares atravessados por uma régua de separação tão feia!

Separações que eu não entendia. Não suportava o rótulo; “crianças de lá e crianças de cá...” “professoras do ensino especial e professoras do ensino regular...” Um incômodo crescia em mim. Uma dor. O nó na garganta crescia. Era preciso falar, escrever. O nó na garganta cresceu até nascer o livro “Uma joaninha diferente” (1989). É uma história sobre respeito, amor e gostar-se.

O REINADO DO LIVRO

Levei para minhas aulas a crença no poder mágico, arrebatador da literatura! Ah!! O reinado do livro... A leitura em que as fadas transformavam gatas borralheiras em princesas, o beijo que desperta, a franqueza do espelho da madrasta, a magia do tapete voador, aquelas botas de sete léguas, o gigante morador de um pé de feijão, um chapeuzinho vermelho, amarelo, um chapeleiro maluco, salvadores e longos cabelos... Aquela menina de narizinho arrebitado e a boneca tagarela, o curupira, mula sem cabeça, a raposa e as cobiçadas uvas, a sabedoria da tartaruga e a lebre, a cigarra artista e a formiga, uma ilha perdida e seus mistérios... Tantas aventuras e emoções que não caberia naquela arca! Ah, o livro! Como não amá-lo? O livro sempre ali, fazendo parte da sala. O tijolo, o brinquedo, o lanche, a busca, o encontro, o sonho, o amigo! E foi na temporada em uma sala de leitura onde brotou o projeto “livrinho na mão” que o amigo livro falou como porta-voz do projeto onde as crianças depois de ouvirem uma história (nos mais diferentes espaços da escola) escolhiam um livrinho para levar para casa.

AMIGO

Numa poltrona macia
No colo da avó
Na cama aconchegante
Debaixo da amiga árvore...
É avião que me leva ao Japão,
Quixadá ou Bagdá!
Se a tristeza vem,
Traz asas ligeiras, verdes de esperanças,
Se a euforia é crescente
Tece na medida a melancolia boa para pensar

Se o sono não vem
 Se o medo quer brincar
 Inventa sonhos azuis
 Para eu acordar manhãs de sol e emoções...
 Se quero entender, desvendar o porquê, pra quê,
 Como, onde, cadê?
 É você a chave que abre
 Gavetas, janelas e portas
 É você: Livro Amigo!

(In Revista Criança - do professor de Educação Infantil, Nov. 2006, p. 26)

Era lindo ouvir a escola inteira cantar convictamente aquele nosso hino... “Hoje pra minha casa um amigo vou levar/Amanhã eu volto pra escola mais sabidinho!” E quando eu pensava que o reinado do livro era quase unânime, me deparei com uma turminha de 4º ano que vez por outra me assustava com aquele jeito de não gostar de ler! Um resmungo daqui e dali... Coração apertado. Eu fazia os malabarismos todos ao meu alcance, até o dia que os chamei de traças... Hummm... traças amam papel, comem papel! Ai, cuidado com elas numa biblioteca! Mas, aquelas minhas traças não gostavam de ler/traçar papel! Então era isso. Eram traças sem graça! Nasceu o livro “Uma traça sem graça”, primeiramente como projeto apresentado ao FAC/SC (2004) depois aceito por Paulinas (2013). O livro como comida! Leitura gostosura, prazer! Leitura como graça, encantamento! Leitura que batuca o coração e dá nó na cabeça.

A TRAÇA

Olha a traça
 Quanta graça
 Passa e traça
 O dia inteiro
 Para lá e para cá
 Traça Cecília
 Traça Lya, Ruth Rocha e Adélia
 Traça assim o dia inteiro...
 Nhac... Nhac... Nhac...

Traça Quintana

Traça Monteiro, Bandeira e quem vier!

Traça e passa o dia inteiro

Num nhac.... nhac sem fim...

Pessoa, Machado, Rufino

Vinícius e Alencar

Traça e traça sem parar!

Clarice, Sabino, Bartolomeu,

Amado, Varela e Casimiro...

Um desfile interminável

Nhac...nhac...Sem parar!

Hummmmmmmmm...

Nhac.... nhac... nhac...

Hummmmmmmmmmmmm!!!

A traça é toda graça!

E onde a traça encontrou a graça?

Ora essa, que pergunta mais sem graça?

Será preciso responder?

E uma traça cheia de graça convida irresistivelmente: - Experimente! O convite do professor Rodrigo Matos para ler “A Língua Absolvida” de Elias Canetti (2010), prontamente aceito, confirma o reinado solene do livro na minha vida! Experimentei! Foi um arrebatamento fantástico. Vi-me tomada pela leitura, ao ponto de querer enganar-me e voltar, voltar mil vezes a reler páginas para não terminar a leitura! Foi um encantamento! Em Clarice Lispector no conto Felicidade Clandestina encontro sintonia nesse torpor, nessa sensação única diante de um livro:

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele comendo-o, dormindo-o... Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo (LISPECTOR, 2001, P.312-314).

Sob a graça e encanto do livro, do convite, senti o escorrer livre e feliz dessa escrita.

O namoro com o movimento estudantil foi um pulo para o sindicalismo e fiz muito piquete de greve. O amor à profissão não pode abdicar da luta.

As estações desfilaram... Cores e amores enfeitaram meus dias. Ipês encheram meus olhos com prévias primaveras no auge da seca. Brasília me físgou de vez. Apaixonei sem medida. Brasília, meu novo amor!

CASO DE AMOR

O primeiro avião que conheci,
 Foi você, Brasília.
 Suas asas rabiscadas em arte
 Abriram um sorriso
 Tão largo que sossegou meus temores
 O primeiro lago
 Onde mergulhei minhas buscas
 Foi no teu Paranoá de águas pintadas
 De garças e sol.
 Pisei sem cerimônia,
 Nos teus tapetes bordados por ipês amarelos...
 Sob teu céu quase mar
 Desenhei primeira vez: Brasília, meu novo amor!

A SABEDORIA DO OUTONO

E o Outono trouxe o relógio do tempo vivido. O inexorável tempo. Passou. Olhei para a lousa (ou meu conhecido “quadro negro”) e vi uma história de amor escrita em trinta anos de magistério! Assinei meu nome com letra cursiva... Letra de professora! Aposentadoria à vista! E agora? Nasceu o livro “Galo rouco, e agora? (Editora Thesaurus, 2012). A gratidão e o amor permeando a história de uma paixão pelo ofício de educar. A analogia do professor com um Galinho de cantar apaixonado é o mote para abordar a proximidade da aposentadoria, os temores, a doença profissional, as saudades, sobretudo o amor à profissão. O cocoricó do galinho é o convite para a festa do conhecimento, da troca de saberes que acontece todos os dias, faça sol ou faça chuva

Na sociedade do conhecimento, da informação exacerbada, de sujeitos cada vez mais técnicos e especialistas, da aceleração desenfreada, das rupturas, da obsolescência de quase tudo... A aposentadoria traz o carimbo do vencido,

anunciando fechar ciclos. Respiro fundo. Acolho os medos. O medo da velhice, da inutilidade. Rebelo-me! Desfraldo o meu novo estar no mundo – o sujeito da experiência. É Larossa, que me socorre. O sujeito da experiência é aquele que resolve, que decide expor-se, o sujeito “ex-posto”. Exponho-me. Ao me desnudar nesse exercício catártico-biográfico da minha trajetória acadêmico-profissional sinto os batimentos cardíacos em profusão, e tudo me toca, me afeta:

“É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está portanto, aberto à sua própria transformação” (LAROSSA, 2002, p. 21).

Aposentadoria e velhice se irmanam para escreverem outras histórias, desenharem outras paisagens... As portas se escancaram em tempos que compreendemos a beleza e a sabedoria de que “O homem nasceu para aprender, aprender tanto quanto a vida lhe permitir”, fala e acalma meu coração o escritor Guimarães Rosa.

Recomeçar se torna a palavra de ordem. Volto aos bancos escolares. O curso de Pedagogia piscou pra mim, sedutoramente. Mato o desejo de cursá-lo, reconheço e agradeço a riqueza do meu curso normal, e ainda pago o meu débito com o magistério que exerci por tanto tempo sem tê-lo feito. Constato sua beleza e importância.

De volta a UnB tudo é novo. A Faculdade de Educação me acolhe na sua exuberante diversidade com amor e respeito. Um espanto. Tudo novo. Jovens e experientes professores compartilham saberes e, sobretudo transbordam paixão ao ofício, o humanismo resiste e permeia as relações, ainda. Entre aulas, diálogos, pesquisas, leituras, encontros e encantamentos... Reencontro!

Os projetos se avizinham e, é tempo de pensar sobre o que refletir e pesquisar como base para o TCC. A reta final já desponta no horizonte. Numa matrícula web me vejo em Projeto 3. A professora expõe sua proposta temática, mas não sinto o convite. Dentro de mim é aquele chamado da literatura que sacoleja. O trancamento da disciplina ruge e lá vou eu... No balcão da secretaria da Faculdade de Educação, reencontro o professor Antônio Fávero Sobrinho. A conversa flui ao ponto de me tornar aluna ali mesmo no 2/2016.

O desejo de pensar em literatura infantil na sala de aula ganhou um aliado. História e memória como peças-chaves na construção das identidades pessoais e

coletivas, conforme FREITAS (2010, p.37-55) para fortalecer e responder as perguntas que se complementam no âmbito da literatura. Que histórias contar, como contar e para que contar histórias? Qual o lugar da literatura em sala de aula? Leituras e reflexões em efervescência... Olhar cuidadoso sobre a delicada relação professor-aluno em tempos que o aluno

“(...) hoje, na posição de sujeito do conhecimento, ele é, sobretudo, um sujeito histórico, que traz para a sala de aula um repertório de experiências constitutivas de cotidianidades da sociedade contemporânea” (FÁVERO, 2010).

A ideia de outros eixos de pertencimento, cidadania participativa, a intensa circularidade intercultural, a pluralidade de imaginários sociais... tudo contribuindo para proporcionar a resignificação do aluno como sujeito da história, sujeito do conhecimento.

Chamo o meu segundo livro “O Menino que descobriu Brasília”, para compartilhar a experiência de seu uso nas escolas por onde ando e andei... Um pergunta pululam... As crianças que moram nas RAs conhecem Brasília? Que Brasília elas conhecem? Como elas veem Brasília? Elas se sentem moradoras de Brasília ou da RA? Como é morar em Brasília? Constato nas minhas andanças o distanciamento, a falta de pertencimento à Brasília (Plano Piloto e adjacências), às vezes conhecida somente pela TV, imagens em revistas, no livro didático e por ocasião do aniversário da capital.

Então, conto a história atrás do livro que hoje está nas salas de aula dos meus colegas professores fazendo outras histórias, outros percursos... Ele nasceu em 1989 com o nome de “Brasília, novo amor”, selecionado em um concurso literário de Histórias Infantis sobre Brasília promovido pelo Departamento de Pedagogia da FEDF, hoje SEE-DF. O edital do referido concurso, dirigido a alunos e professores da rede trazia como objetivo selecionar obras infantis para compor a coleção Candanguinho para ser utilizada nas escolas públicas de Brasília, uma cidade nova, com uma história diferenciada e ainda em formação. A ideia do concurso além de muito sedutora por oportunizar a publicação e divulgação das obras, tinha um prêmio em dinheiro, mas, sobretudo, era a minha chance de declarar meu amor e gratidão à Brasília. Infelizmente esse projeto lindo não foi adiante no item mais importante e ficou apenas na premiação em dinheiro (simbólica), que nunca seria suficiente para a edição do livro. Desilusão à parte busquei parceria nos sonhos e com as

ilustrações de Rachel Dumont, o livro foi publicado com recursos próprios com uma tiragem de dois mil livros. Foi muito bem recebido. Renato, o menino de olhar poético e cheio de imaginação, encontra eco nas saudades de sua cidadezinha mineira, no desvendamento da cidade diferente, moderna, sobretudo, acolhedora e declara seu novo amor. A sintonia do leitor com o personagem revela mais que uma identidade em processo de construção, mas uma sintonia no amor à primeira vista que senti por essa “minha Brasília.” Eu me entrego sem pudor! Sou um Renato encantado, apaixonado e grato a cidade de asas abertas para os muitos Renatos em constante chegada... Como a edição esgotou rapidamente deixando gostinho de quero mais, ousei buscar outros caminhos e o apresentei a Editora Paulinas, onde reinava meu primeiro livro Uma Joanelha Diferente. Gostaram da proposta de mostrar a capital do Brasil sob o olhar de uma criança sem muita cerimônia, oficialismos. Aceita a ideia, era preciso alterar o título do livro para algo mais apropriado ao universo infantil. Assim, o livro ganhou também outras ilustrações, mais uma página (Museu da República) e asas para voar país afora.

E se é a pergunta que anseia por uma resposta...

O professor Fávero fez a pergunta: “e sobre que lugar de Brasília você escreveria hoje?” A resposta não pediu tempo algum e caiu como luva em mãos que ansiavam desengavetar outras histórias, olhar para outros lugares de Brasília... Lugares nunca antes navegados.

- Sobre o lago!

O lago para mim era somente um cartão postal. E, se para mim, moradora do plano piloto, que no cotidiano o tem em vista, como seria o lago Paranoá para as crianças das RAs de Santa Maria, Ceilândia, Gama, Sobradinho, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Taguatinga e todas as outras...? Estava lançada a ideia: Desvendar o nosso cartão postal de forma poética, lúdica, prazerosa com a firme crença no poder da literatura em sala de aula como ferramenta de informação e formação.

É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática (...). (ABRAMOVICH,1989, p.17)

Mãos à obra! E os semestres desfilaram... 1/2-2017, 1/2-2018, 1/2019.

As ideias pululavam... Era preciso ir ao lago. Conhecer o barco do “Capitão Zé Carlos” me fez sentir cheiro de mar, ou saudades? Informações preciosas, precisas. Registrando tudo. Muitos clics!

Muitas leituras, pesquisas, dados e fontes diversas. A intertextualidade, a transdisciplinaridade chegando de mansinho... Os textos em processo. Muitas versões. Um mexe aqui e ali constante. Um biólogo apaixonado pelo pirá-brasília veio nos socorrer. Uma ilustradora Candanga de coração encantou-se com o texto e começou esboçar lindezas do lago, do Cerrado... Uma geógrafa não podia faltar para a vivência cartográfica num lindo mapa lúdico do lago.

E num crescente de ousadias... diante do edital 1/2018 do FAC - Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal-SC/GDF, e inscrita no CEAC-177, inscrevemos o projeto para a edição do livro “O menino que descobriu o Lago Paranoá” que teve aprovação por mérito no 2/2018 e foi oficialmente lançado no dia 20 de abril de 2019 às margens do Lago Paranoá no Iate Clube Cota Mil.

Renato e Tilapita tomam conta do Lago Paranoá... Eles nos convidam a mergulhar! O lago mais que um belo cartão postal da capital, mostra-se cheio de possibilidades de olhares, de leituras, de histórias, de encantamentos.

Como um recorte do Cerrado, ele revela a beleza da diversidade da fauna e flora, a imensa capacidade de lazer e esportes que contempla a história de sua formação, as construções de centros comerciais, casas, pontes, como também os problemas da poluição e a degradação ambiental. Como não maravilhar-se diante de tamanha inspiração, fonte de tantos conhecimentos? A sábia Tilapita, personagem que forma dupla com Renato nas aventuras pelo lago parece saber muito bem sobre o potencial do lago, ao descrevê-lo “como uma escola cheia de histórias e lições”. (MELO, FÁVERO, 2019, p.15).

A expressa sedução do Lago Paranoá é tentadora e confirma a ideia norteadora do livro “O menino que descobriu o Lago Paranoá” que se propõe a valorizar a integração entre o processo ensino aprendizagem e o poder da literatura em sala de aula para estabelecer relações entre o real e o imaginário. Nessa perspectiva o diálogo entre a leitura do “texto” e o “contexto” possibilita considerar a leitura como articuladora dos diversos conhecimentos escolares, promovendo a interdisciplinaridade de forma dialógica, lúdica e prazerosa, sobretudo fortalecendo o sentimento de pertencimento a nossa cidade e ao pleno exercício de cidadania.

O livro é parte integrante do trabalho final do curso de Pedagogia da universidade de Brasília e sinaliza para mim, apesar e com o outono sob os ombros, o começo de um novo ciclo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eternamente professora, olho amorosamente para minha jornada... Do privilegiado colo de uma mãe-professora aos quintais e bancos escolares, vejo a marca indelével da literatura tecendo travessias na minha formação acadêmica e profissional.

Revisitar esses caminhos por meio da escrita livre, poética, confessional, de caráter reflexivo, recheados de emoções, gravadas na memória, ratifica a força de se narrar a própria história. Desejo que essa escrita, denominada memorial de formação produzida por educadores, valorize suas palavras, memórias, inquietações e experiências e propicie-lhes visibilidade para além do olhar da academia e seus pesquisadores.

Firmo minha crença no poder do universo literário como ferramenta poderosa, prazerosa e imprescindível no cotidiano escolar e no âmbito familiar. Por meio dela e com ela se fortalece a presença do imaginário, do poético, do sonho, da liberdade, sobretudo da escrita / autoria / protagonismo de alunos e professores, afirmado lindamente por Clarice Lispector e que comungo integralmente: “É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia”. Precisamos todos nós, escrever! Escrever para aprender mais sobre mim, sobre o outro, sobre o mundo. Precisamos todos nós, ler!

Ouso aqui, legitimada pela minha lida com as palavras e a educação, convidar docemente todos educadores para que incitem, provoquem, convidem, leiam, escrevam, sobretudo aceitem aquele convite do professor, do amigo, do aluno, da traça: - Experimente!

Ao desfraldar umas frestas da minha trajetória, creio ratificar e contribuir também com os debates acerca da definição do conceito de aprendizagem ao longo da vida. Não importa de que forma, em que ambiente ou contexto ou “se essa maneira de nos formarmos é trivial ou requintada: não podemos alterar o fato de que somos aprendentes “no longo curso” da vida” (ALHEIT, DAUSIEN, 2006, p. 177).

REFERÊNCIAS

- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. *Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil – Gostosuras e Bobices*. Série Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- BARBOSA Rita de Cássia. *Carlos Drummond de Andrade / Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico e exercícios – Literatura Comentada*. São Paulo: Editora Abril Educação, 1980.
- BONDÍA, Jorge Larrosa; *Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.19, p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.
- Brasil. Ministério da Educação MEC. Coordenação Geral de Educação Infantil – DPE/SEB. *Amigo*. Revista Criança - do professor de Educação Infantil. Brasília, Nov. 2006
- BRENMAN, Ilan. *Através da vidraça da escola – formando novos leitores*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- FREITAS, Itamar. *Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino de História - Anos iniciais*. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.
- INSTITUTO PAULO FREIRE. CENTRO DE REFERÊNCIA PAULO FREIRE. *Um legado de luta e de esperança*. Porto Alegre: Pátio, Ano I, v.1, n.2, p.10-13, ago./out. 1997. Disponível em:
<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/855/3/FPF_PTPF_01_0217.pdf> Acesso em 20 jun 2019.
- LAURITI, Thiago; CHRISTAL, Wendel Cássio (Orgs.). *Literatura infantil e juvenil: abordagens múltiplas*. (Pedagogia de A a Z; Vol. 7). Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.
- MELO, Regina Célia; SOBRINHO, Antônio Fávero. *O Menino que descobriu o Lago Paranoá*. Brasília: Marruá Arte e Cultura, 2019.
- MELO, Regina Célia. *Poemas e Cores*. Brasília: LGE, 2003.
- MENDES, Maria Francisca Mendes. *Memoriais de Formação: Narrar-se professor a partir dos saberes cotidianos*. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Curitiba: Pontifícia Universidade do Paraná, 2011.
- MOUSINHO, Ronaldo Alves. *Antologia de contos, crônicas & poemas – IV Concurso Literário Asefe - Prêmio 1995*. ASEFE, 1995.

OITICICA, Christina. *Antologia de Poetas de Brasília*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte Ltda. 1985.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. *Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação*. In: __; __ (Org.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas: Alínea, 2007. p. 45-59. Disponível em: <www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf>. Acesso em: 25 jun 2019.

SARTORI, Adriane Teresinha. *Estilo em Memórias de Formação*. Universidade de Caxias do Sul/RS. Revista da ABRALIN, RS, v. 7, n. 2, p. 273-298, jul./dez. 2008.

SOBRINHO, Antonio Fávero. *O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação*. Faculdade de Educação Universidade de Brasília. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. *Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula*. (Coleção Formação de Professores). Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

BIBLIOGRAFIA

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira- Histórias & Histórias*. Série Fundamentos. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta – Proposta analítica de livros que concentram várias linguagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CANETI, Elias. *A língua absolvida – História de uma juventude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros – Divagações sobre a hospitalidade da leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

APÊNDICE A - LIVROS QUE SALTARAM DO MEU EMBORNAL

